

ACADEMIA MILITAR

GENERAL

RAUL AUGUSTO ESTEVES

(1878 – 1955)

PATRONO DO CURSO DE ENTRADA

NA ACADEMIA MILITAR

NO ANO LETIVO

2017/2018

Trabalho realizado por:

Tenente-Coronel de Engenharia Carlos Alberto Rocha Afonso

Academia Militar, Setembro de 2017

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTOS:

CENTRO DE AUDIOVISUAIS DO EXÉRCITO/SECÇÃO DE ARTES GRÁFICAS

GENERAL

RAUL AUGUSTO ESTEVES

(1878 – 1955)



1

¹ General Raul Augusto Esteves. Fotografia Studio Serra Ribeiro, Lisboa, 1940, gentilmente cedida pelo Regimento de Engenharia Nº 1.

NOTA INTRODUTÓRIA

Coube ao Excelentíssimo General Alexandre Gomes de Lemos Corrêa Leal, Comandante da Escola do Exército entre 1952 e 1956, a iniciativa de propor ao Conselho Escolar “*que fosse adoptado para cada Curso de entrada um Patrono, figura simbólica e expressiva da nossa História, que servisse de guia e de rumo aos alunos desse Curso*”, tendo recebido “*a mais calorosa aprovação do mesmo Conselho*”².

E assim tem sido desde o ano letivo 1953-1954, ano em que foi escolhido Viriato, heróico chefe militar com reconhecidas qualidades e virtudes militares que serviram de inspiração aos jovens cadetes daquele curso de entrada.

Desde então seguiram-se mais 63 figuras notáveis da história da portugalidade, que, servindo a sua Pátria com honra e lustre, foram escolhidos como exemplo de lealdade e de valentia por entre os seus soldados.

De tão vasto leque de heróis, foi escolhido para patrono do curso de entrada na Academia Militar no ano letivo 2017-2018 o General Raul Augusto Esteves, exímio comandante e líder de homens, que tão brilhantemente honrou a bandeira de Portugal nos campos entrincheirados da Flandres como Comandante do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Foi também Comandante do Regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro e Diretor da Arma de Engenharia, sendo por inúmeras vezes chamado a cumprir as mais difíceis missões, sempre com alto sentido patriótico e pleno de virtudes, devendo, como tal, ser um exemplo a seguir.

O ALUNO / FORMAÇÃO

O General Raul Augusto Esteves nasceu no dia 8 de dezembro de 1878 na freguesia de Santa Isabel, em Lisboa, filho do General Augusto Sotero Esteves e de D. Maria Brígida de Azevedo Neto Sotero Esteves.

Alistou-se como voluntário no Regimento de Cavalaria Nº 4, sendo incorporado no dia 28 de setembro de 1897.

Ingressou no ano letivo 1896/97 na Escola Politécnica, onde realizou os estudos preparatórios com vista ao ingresso na Escola do Exército. Ali se destacou, não só pelos prémios escolares que lhe foram atribuídos relativos às elevadas classificações alcançadas nas 6 cadeiras de matemática, mas também pela sua postura despreziosa que permanentemente manifestou na partilha dos seus conhecimentos académicos com os restantes colegas de estudo. Ficaram também na memória os “jogos de guerra” por si realizados no jardim da Escola, para os quais elaborava planos de operações, definia posições de combate e atribuía funções de comando aos restantes colegas envolvidos, sendo-lhe, de forma natural e em tão tenra idade, logo reconhecida uma elevada capacidade de liderança.³

Ingressou na Escola do Exército no ano letivo 1899/1900, para o 1º ano comum dos cursos de Engenharia Militar e Artilharia, sendo o 1º Sargento-Cadete Nº 407 da Companhia de Alunos. Na transição para o 2º ano optou pelo Curso de Engenharia Militar, o qual concluiu no ano letivo 1902/1903 com a distinta classificação de 15,2 valores.

Sem nunca explicar o porquê, tinha por hábito escrever no topo superior dos seus livros, cadernos de apontamentos e até nas próprias folhas de prova a expressão “*Tudo vai bem!*”, muito provavelmente, e segundo

²Conceição, Alfredo Pereira da (1953), em “Viriato – Capitão da Lusitânia”, em “50 Anos de Patronos da Escola do Exército e da Academia Militar - 1953-2003, (2004), Lisboa, Academia Militar, p. 39

³Couvreur, Raul da Costa (1955), General Raul Augusto Esteves, Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro Número 1623, pp. 277-280

a explicação de quem com ele conviveu, ser esta uma forma de exteriorizar a confiança com que encarava as diversas situações com as quais se deparava.⁴

Possuidor de uma bem vincada postura militar, envergava com irrepreensível orgulho e aprumo a farda de cadete, nunca passando, também por isso, despercebido aos seus comandantes por entre os seus camaradas de armas.

São também de destacar os prémios pecuniários que lhe foram atribuídos na Escola do Exército referentes aos anos letivos 1900/1901, 1901/1902 e 1902/1903, relativos aos 2º, 3º e 4º anos do curso, demonstrativos dos assinaláveis resultados escolares obtidos na sua formação académica e militar.

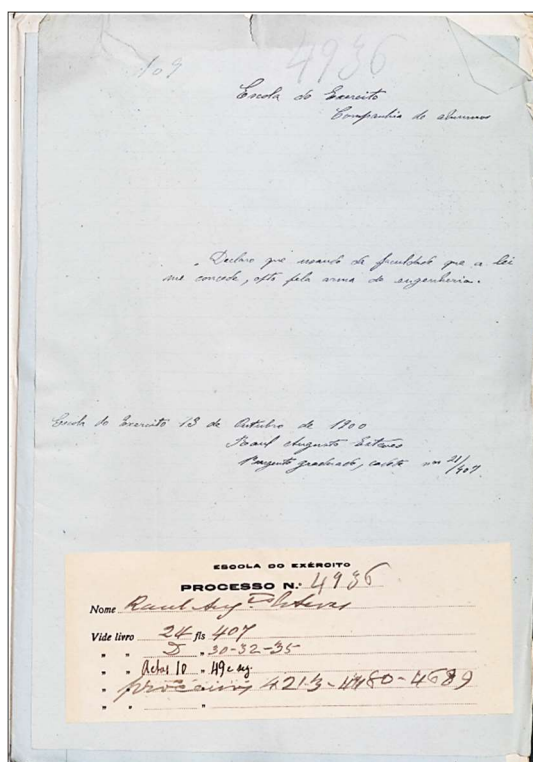


Figura 1: Declaração a optar pela Arma de Engenharia na transição para o 2º Ano da Escola do Exército

O PROFESSOR

Concluído o Curso de Engenharia Militar na Escola do Exército, foi no dia 01 de novembro de 1903 promovido a Alferes e colocado no Regimento de Engenharia, onde também foi promovido a Tenente a 1 de dezembro de 1904.

Logo desde subalterno, designadamente entre os anos de 1905 e 1910 foi por diversas vezes nomeado professor dos Cursos Elementares de Construções ministrados na Escola Regimental do Regimento de Engenharia, tendo o seu notável zelo e elevada dedicação na regência dos cursos sido alvo de público louvor⁵ e referido como exemplo a seguir.

⁴Couvreur, Raul da Costa (1955), General Raul Augusto Esteves, Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro Número 1623, pp. 277-280

⁵Ordem do Exército nº 1, 2ª série de 18 de janeiro de 1908

Em 1908, e perante a sua urgente necessidade, foi encarregue de elaborar um “Regulamento Provisório para a Instrução do Regimento de Engenharia”, documento orientador de extrema importância para a formação técnica e tática dos militares da Arma de Engenharia:

“(...) trabalho que demandando não só um aturado estudo, mas vastos conhecimentos, por isso que é fundamentado na racional aplicação ao nosso meio do que há de mais aproveitável nos exércitos estrangeiros, foi, como urgia, executado num diminuto espaço de tempo.”⁶

O COMANDANTE

Logo em 1908, ainda com o posto de Alferes, assumiu com elevado grau de responsabilidade a tarefa que lhe foi atribuída de proceder à organização de mais duas Secções da Companhia de Telegrafistas do Regimento de Engenharia. Para tal procedeu a uma intensa pesquisa e ao estudo de unidades equivalentes de exércitos amigos e aliados tendo, inclusive, se deslocado ao estrangeiro para proceder à aquisição dos materiais e equipamentos aprovados para o total aprontamento das referidas secções.⁷

No dia 17 de outubro de 1910, ainda no posto de Tenente, foi nomeado vogal da Comissão de Reorganização do Exército⁸, entrando neste mesmo ano para o Estado-Maior de Engenharia.

Em março de 1911 foi nomeado Adjunto da Inspeção do Serviço Militar dos Caminhos de Ferro, iniciando-se aqui a sua longa e profícua ligação aos Sapadores de Caminhos de Ferro, dos quais seria um brilhante comandante em tempo de paz e em campanha. Ainda durante este ano, mais concretamente no dia 8 de junho, seria promovido ao posto de Capitão e nomeado vogal da comissão encarregue de remodelar o regulamento para a promoção aos postos inferiores do Exército, adaptando-o às exigências da instrução e do serviço militar em harmonia com a atual reorganização do Exército.

A 30 de março de 1915 foi colocado na 5ª Companhia do Regimento de Sapadores Mineiros, tendo a 17 de novembro desse mesmo ano sido nomeado comandante da Companhia de Sapadores de Caminhos de Ferro, função com a qual acumulou as responsabilidades de Diretor de diversas Escolas Preparatórias de Oficiais Milicianos de Caminhos Ferro e também da instrução intensiva ao longo do ano de 1916, tendo já em vista a projeção do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, unidade que passou a comandar a partir de 16 de fevereiro de 1917, para o Teatro de Operações da Flandres, no âmbito da participação portuguesa na Primeira Grande Guerra.

O Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, constituído por quatro Companhias de Sapadores de Caminhos de Ferro, com um efectivo total de 56 oficiais e 1.580 sargentos e praças, foi projetado por via marítima a partir do porto de Lisboa em dois grupos, o primeiro no mês de abril e o segundo no dia 11 de maio de 1917, no qual se incluiu o seu comandante, Capitão de Engenharia Raul Augusto Esteves, tendo-se apresentado no Quartel-General do Corpo Expedicionário Português, em Roquette, no dia 19 do mesmo mês.

Durante os quase dois anos de permanência no Teatro de Operações, o Batalhão ficou sob controlo operacional do Alto Comando Britânico, cumprindo com elevado profissionalismo as exigentes missões que lhe foram atribuídas. Numa guerra de trincheiras como foi a frente europeia da I Grande Guerra, o transporte ferroviário assumiu um papel determinante no transporte de tropas e equipamentos militares, bem como no reabastecimento das necessidades básicas da população.

⁶ Ordem Regimental nº 287, 2ª série de 13 de outubro de 1908

⁷ Ordem Regimental nº 256, de 12 de setembro de 1908

⁸ Ordem do Exército, nº 12, 2ª série de 20 de maio de 1911

Ao Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro foi atribuída a responsabilidade pela exploração da estação-depósito de Rouxmesnil e na administração das linhas de Yron a Conteville, de Abbeville a Conteville e Candas, de Proven a Bergues, de Conchil a Authie e Vrom e de Bethune a La Gorgue. Desempenhou ainda outras funções de carácter técnico, como a reparação de pontes, a construção de depósitos e docas e a reparação ou levantamento das linhas sujeitas a frequentes bombardeamentos.^{9,10}



Figura 2: O Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro na Flandres

O brilhante desempenho do Batalhão não passou despercebido às mais altas autoridades civis e militares, nacionais e internacionais, como o justificam as diversas referências elogiosas concedidas pelos comandos das forças aliadas francesas e inglesas e o elevado número de condecorações individuais e coletivas atribuídas.

O relevante desempenho do seu comandante, Major de Engenharia Raul Esteves, entretanto promovido a 16 de fevereiro de 1918 em pleno Teatro de Operações, foi também alvo de destaque, não só pelos elevados níveis de proficiência do seu Batalhão, mas também pelo exemplar espírito de camaradagem e elevada motivação dos seus militares, demonstrados não só no cumprimento das missões superiormente atribuídas como também nas reconstruções imediatas após os bombardeamentos efetuados pela artilharia alemã.

⁹Abranches, Joaquim (1931), Os Caminhos de Ferro na Grande Guerra, Figueira da Foz, Tipografia Peninsular

¹⁰Esteves, Raul Augusto (1917), Os Caminhos de Ferro e a Actual Guerra, Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro Número 701, pp. 87-88

3-4-718
Doc. 8-A

Copia

Chief Railway Construction Engineer
S.O. 7. 7601
Date 29/3/18

D. & T. Camp,
General Headquarters,
British Forces in France.
29th March, 1918.

Dear Major Estève

In reporting to me on the article being and subsequent repair work at St. Ed on the night of 28th/29th March, Lieut.-Colonel Wall Smyth, R.C.E.I., drew my special attention to the excellent work done by the Portuguese detachment from Tachinacourt, both then and the following night.

I think you would like to see the attached extracts from his letter and the report of Captain Clegg referred to, and I shall be grateful if you will convey to the Officer and men concerned any personal thanks and grant appreciation of their services. I have already informed the Director General of Transportation of this excellent piece of work.

Yours very sincerely,
(s) Lyell

Major Paul Augusto Estève,
C. S. Portuguese Railway Battalion

Figura 3: Referência elogiosa concedida pelo Chief Railway Construction Engineer do Exército Britânico

20-10-718
Doc. 7. 9

CORPO EXPEDICIONARIO PORTUGUEZ
SECRETARIA

(Ordem no 297 da 20 de Outubro de 1918.)

Artigo 112 - Deve-se publicar ao Batalhão a seguinte citação recebida da Missão Militar Francesa, junto do Exército Britânico:

Missão Militar Francesa. Direcção da Etapes da zona britânica. Carta de felicitações

O General de Divisão de Lagulche, Chefe da Missão Militar Francesa, Direcção de Etapes da zona britânica, considera-as felizes de dirigir as suas felicitações:

a) - ao Batalhão Português de Sapadores de Caminhos de Ferro, acantonado em Aubigny-en-Artois;

b) - e mais particularmente a

Major de engenharia, Paul Augusto Estève.
Tenente de engenheiro, Miguel Boesillar Duarte
Tenente medico, Carlos José Machado dos Santos
1.º sargento, José Félix
2.º sargento-montado, Manoel Duarte Silva
1.º cabo no 14, Capitão Antonio de Vasconcelos
Soldado no 9, Floriano Rodrigues Esperança
Soldado-metropolitano no 152, Manoel Bernardino d'Almeida,
todas da S.P.M.H.

"No decurso dos bombardeamentos aereos que se succederam em 1918, em Aubigny-en-Artois, accorreram espontaneamente, desde a queda dos primeiros bombardeos, em socorro da população, tirando dos escombros os mortos e os feridos, providenciando-lhes os primeiros socorros, e transportando-os com a maior sollicitude aos Hospitais Britânicos." "Tomaram igualmente a sua guarda os imoveis atingidos, nos quaes se empregaram effizientemente em executar as reparações urgentes, preservando-os assim da ruina completa."

- 20 de Outubro de 1918.

O General de Divisão de Lagulche, Chefe da Missão Militar Francesa, Direcção de Etapes da zona britânica.

Por ordem: o tenente coronel Chefe do Estado Maior da D. S.
(s) Jean Raymond.

- O Comandante do Batalhão -

Figura 4: Referência elogiosa concedida pela Missão Militar Francesa junto do Exército Britânico

São de destacar as condecorações internacionais “Distinguished Service Order”¹¹ e “Croix de Guerre avec Palme”¹² com que foi agraciado por Sua Majestade o Rei de Inglaterra e pelo Governo da República Francesa, respetivamente, e nacional de “Comendador da Ordem de Cristo”¹³, para além das comemorativas “Medalha da Victoria”¹⁴ e “França 1917-1918”¹⁵.

Foi também agraciado com o Grau de Comendador da Ordem Militar de Cristo por “no C.E.P. ter comandado desde o início, o Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, fazendo sentir aos seus subordinados a sua acção disciplinadora e exemplo de dedicação pelo serviço, orientando todos os trabalhos com reconhecida competência, sendo o citado batalhão a unidade portuguesa que com mais persistência e assiduidade cooperou na zona de guerra onde prestou prestáveis e assinalados serviços, em circunstâncias por vezes difíceis e arriscadas.”¹⁶

Mas a maior distinção concedida foi a condecoração com o Grau de Oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, por “ter comandado com especial distinção o B.S.C.F. durante toda a permanência dessa unidade em França, mantendo nela sempre um elevado moral e um espírito de corpo fora do vulgar e conseguindo que esse Batalhão pelo seu porte irrepreensível e pela disciplina e proficiência que constantemente manifestou, gosasse sempre da melhor reputação entre os comandos aliados.”¹⁷

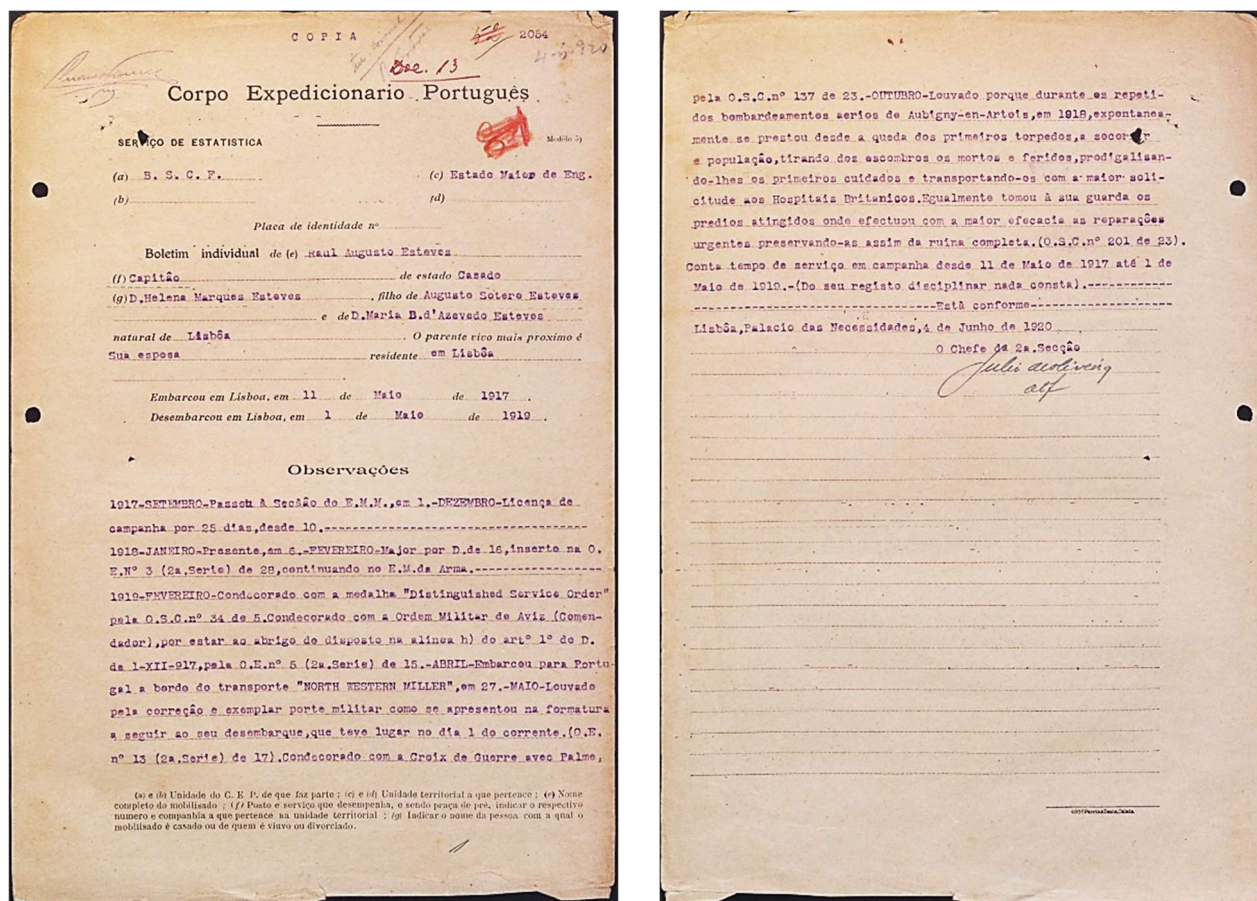


Figura 5: Boletim Individual do Capitão Raul Augusto Esteves durante a sua permanência no Corpo Expedicionário Português

11 Ordem do Exército nº 13, 2ª série de 17 de maio de 1919
 12 Ordem do Exército nº 14, 2ª série de 28 de junho de 1919
 13 Ordem do Exército nº 14, 2ª série de 28 de junho de 1919
 14 Ordem do Exército nº 23, 1ª série de 11 de novembro de 1919
 15 Ordem do Exército nº 12, 1ª série de 30 de abril de 1919
 16 Ordem do Exército nº 14, 2ª série de 28 de junho de 1919
 17 Ordem do Exército nº 10, 2ª série de 10 de julho de 1920

Foi-lhe também atribuído o *“distintivo especial por ter tomado parte nos feitos, por que o B.S.C.F de que era comandante, foi louvado e condecorado com o Grau de Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito”*¹⁸



Figura 7:Formatura geral do BSCF em Ayre-sur-la-Lys antes do embarque de regresso a Portugal - abril de 1919

De regresso a Portugal, o Batalhão desembarca no porto de Lisboa no dia 1 de maio de 1919, passados que foram 2 anos após a sua partida e com menos 17 dos seus bravos militares que tombaram nas terras da Flandres. Apesar do desgaste acumulado durante dois anos de guerra e 5 dias de viagem marítima, a correcção exemplar e o porte militar com que o Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro se apresentou na formatura a seguir ao seu desembarque e desfilou pelas ruas de Lisboa perante os muitos portugueses que o aguardavam, foi motivo de público louvor¹⁹.

Logo após o seu regresso, mais concretamente no dia 6 de maio de 1919, através de Portaria da Secretaria de Estado da Guerra, o Major Raul Esteves *“(...) aproveitando as lições colhidas da última guerra e os conhecimentos de sobejo mostrados pelos officiaes do batalhão de sapadores de caminhos de ferro (..) fique encarregado de apresentar à Inspeção do Serviço Militar de Caminhos de Ferro no mais breve praso possível um plano para a organização do corpo de tropas de caminhos de ferro (...)”*.

¹⁸ Ordem do Exército, nº 10, 2ª série de 10 de julho de 1920

¹⁹ Ordem do Exército nº 13, 2ª série de 17 de maio de 1919

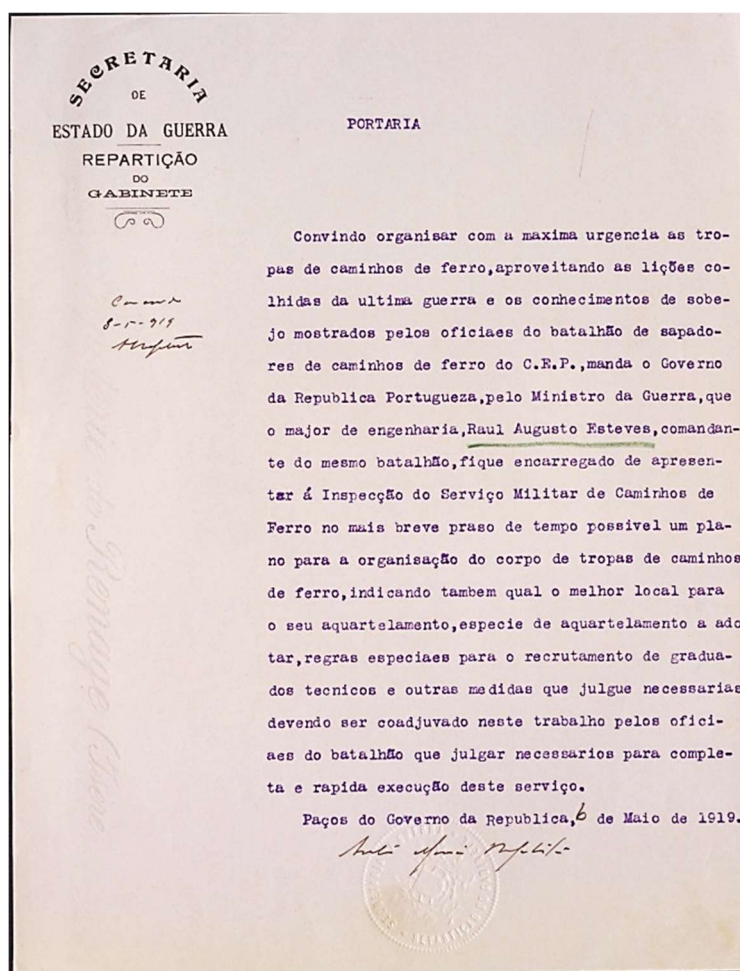


Figura 8: Portaria da Secretaria de Estado da Guerra

Foi promovido ao posto de Tenente-Coronel no dia 10 de maio de 1919, 9 dias após o seu regresso a território nacional.

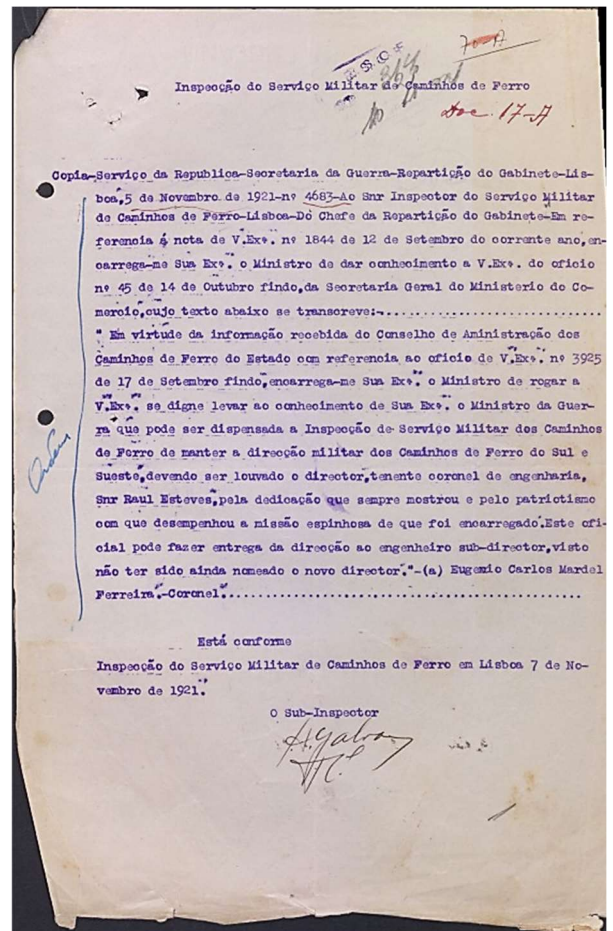
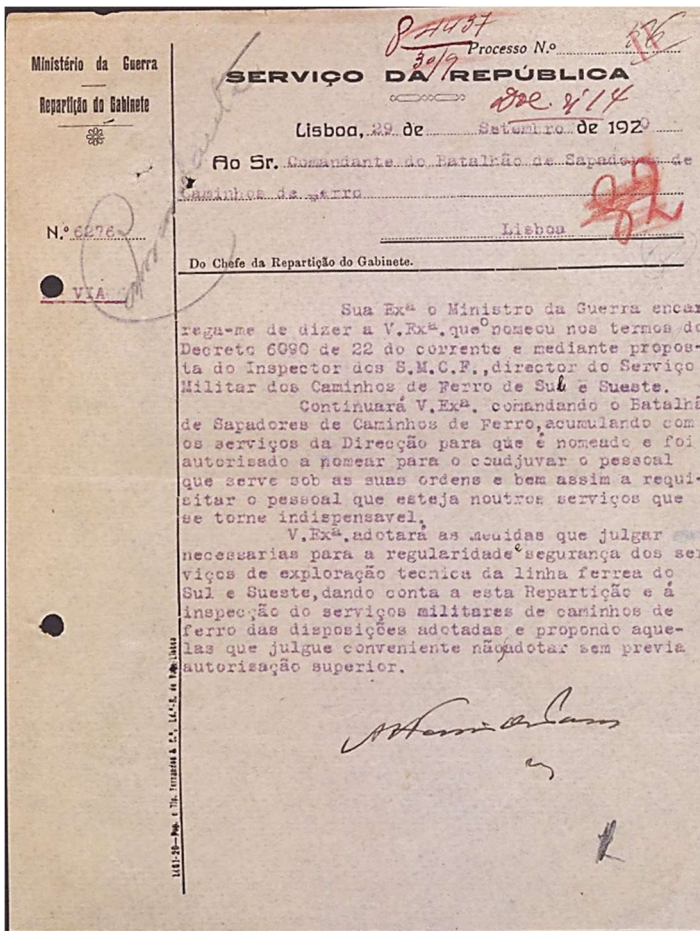
Nos meses seguintes vários focos de instabilidade assolaram a sociedade portuguesa, entre os quais as greves ferroviárias que assumiram uma dimensão nacional. Com vista a permitir a liberdade de circulação de pessoas e bens, foi o Tenente-Coronel Raul Augusto Esteves nomeado por Decreto do Ministro da Guerra de 22 de Setembro de 1920, mediante proposta do Inspector do Serviço Militar dos Caminhos de Ferro, Director do Serviço Militar dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em acumulação com o comando do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro. Para poder cumprir com tal nomeação foi autorizado a nomear para o coadjuvar os militares que consigo serviam, bem como a requisitar pessoal que servia noutros serviços e que fosse considerado indispensável.²⁰

Tal empresa durou aproximadamente dois meses e meio, mais concretamente setenta dias, expressão pela qual ficou conhecida esta greve ferroviária, período após o qual foram dispensados os serviços da Inspeção do Serviço Militar dos Caminhos de Ferro e de direcção do Tenente-Coronel Raul Augusto Esteves, pois voltaram a estar reunidas as indispensáveis condições de exploração comercial da Linha do Sul e Sueste.²¹ Mais uma vez, as suas assinaláveis capacidades de comando e liderança, lealdade e de empenhamento das suas tropas foram publicamente reconhecidas.²²

²⁰ Ordem do Exército nº14, 2ª série de 5 de agosto de 1921

²¹ Ordem do Exército nº2, 2ª série de 5 de fevereiro de 1922

²² Ordem do Exército nº1, 2ª série de 20 de janeiro de 1921



Figuras 9 e 10: Decreto 6090, de 22 de setembro de 1920, do Ministro da Guerra, e Ofício nº 4683, de 5 de novembro de 1921, da Secretaria da Guerra

No entanto, o seu brilhante desempenho não foi bem aceite por todas as franjas da sociedade, tendo sido alvo de vários atentados durante o período das greves, sendo o mais grave consumado no dia 5 de janeiro de 1921 quando, no seu regresso a casa, foi atingido por disparos de pistola, dos quais resultaram apenas ferimentos ligeiros.²³

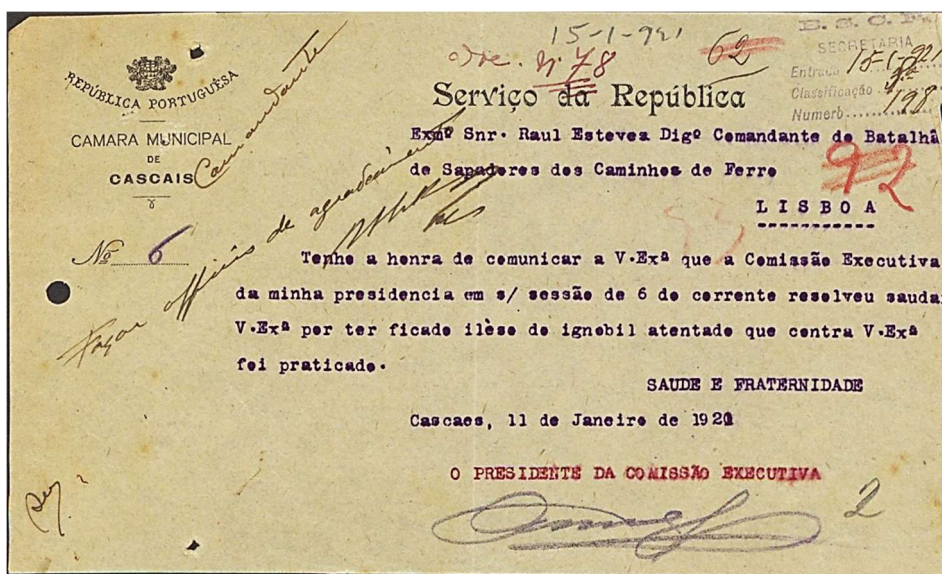


Figura 11: Ofício nº6, de 11 de janeiro de 1921, da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Cascais

²³ Comissão Executiva da Câmara Municipal de Cascais, ofício nº6, de 11 de janeiro de 1921

A sua ação de comando foi por diversas vezes publicamente reconhecida e enaltecida, sendo também de destacar o empenhamento do Batalhão na comemoração nacional ao soldado desconhecido morto na Grande Guerra, realizada na Batalha no dia 10 de abril de 1921, e que incluiu, entre outras tarefas, o transporte das tropas, a reparação de alguns troços da estrada Leiria-Batalha, o policiamento das gares e o guarnecimento do comboio presidencial.²⁴

As suas distintas capacidades militares no comando do Batalhão não passaram despercebidas ao reconhecimento nacional e internacional, fazendo prova disso as diversas condecorações nacionais e estrangeiras que lhe foram sucessivamente atribuídas como, por exemplo, o Grau de Oficial da Ordem da Coroa da Bélgica²⁵, o Grau de Comendador da Ordem Militar de Aviz²⁶, a 2ª Classe da Ordem de Mérito Militar de Espanha²⁷ e o Grau de Oficial da Legião de Honra da República Francesa²⁸.

Com exceção de apenas uma breve passagem entre 5 de dezembro de 1925 e 20 de maio de 1926 pela chefia da 1ª Repartição da Inspeção Geral das Fortificações e Obras Militares, comandou o Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro de forma contínua até ao dia 25 de Setembro de 1926, data em que foi promovido a Coronel e passou a comandar o Regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro, unidade que substituiu o Batalhão no âmbito da reorganização do Exército de 1926, e que refletiu a importância crescente do transporte militar ferroviário, a qual não pode ser dissociada do comando carismático do Tenente-Coronel Raul Esteves.

Em acumulação com o comando do Regimento, o Coronel Raul Esteves foi também nomeado Administrador Adjunto Militar dos Caminhos de Ferro do Estado, passando, posteriormente, a Administrador Geral, cargo que desempenhou até 10 de outubro de 1927.

Mais tarde, entre 1928 e 1929, foi nomeado para integrar a comissão encarregada de estudar os diferentes diplomas orgânicos do Exército e também como vogal da Comissão Técnica da Arma de Engenharia.

Mantendo a suairrepreensível ação de comando, foram novamente reconhecidas as suas brilhantes capacidades através da atribuição de diversas condecorações, das quais se destacam a Medalha de Prata de Mérito, Filantropia e Generosidade²⁹, Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz³⁰, a Grã-Cruz da Ordem de S. Silvestre por Sua Santidade o Papa Pio XI³¹, a Cruz de 3ª Classe da Ordem de Mérito Militar por Sua Majestade o Rei de Espanha³², o Grau de Comendador da Ordem da Coroa de Itália por Sua Majestade o Rei de Itália³³e, principalmente, a Cruz de Guerra de 2ª Classe *“por no desempenho das funções que lhe competiu no corpo expedicionário a França no comando do Batalhão Sapadores de Caminhos de Ferro prestou serviços relevantes demonstrando a mais constante dedicação, energia e dedicação, conseguindo com os brilhantes actos da sua acção impulsionadora, manter o moral das tropas ainda após o rude combate de 9 de Abril, fortalecendo a disciplina, concorrendo assim para o levantamento do nosso Exército, notabilização da raça e maior gloria da Pátria.”*³⁴

²⁴ Ordem do Exército nº 8, 2ª série de 30 de abril de 1921

²⁵ Ordem do Exército nº 11, 2ª série de 30 de junho de 1921

²⁶ Ordem do Exército nº 19, 2ª série de 5 de outubro de 1921

²⁷ Ordem do Exército nº 7, 2ª série de 18 de maio de 1922

²⁸ Ordem do Exército nº 2, 2ª série de 3 de fevereiro de 1923

²⁹ Ordem do Exército nº 5, 2ª série de 30 de abril de 1927

³⁰ Ordem do Exército nº 15, 2ª série de 15 de outubro 1927

³¹ Ordem do Exército nº 19, 2ª série de 15 de novembro 1927

³² Ordem do Exército nº 5, 2ª série de 22 de março de 1930

³³ Ordem do Exército nº 6, 2ª série de 31 de março de 1930

³⁴ Ordem do Exército nº 17, 2ª série de 24 de novembro 1928

Aprovado nas provas especiais de aptidão para o posto imediato, passou a Coronel-Tirocinado no dia 04 de agosto de 1932.

Nunca deixando esmorecer a sua paixão pelo transporte ferroviário militar, participou em janeiro de 1933 no XII Congresso de Caminhos de Ferro realizado no Cairo, Egipto.

Promovido a General por escolha no dia 20 de junho de 1936, foi nomeado Vogal do Conselho Superior de Promoções³⁵ e Director da Arma de Engenharia³⁶. Posteriormente foi nomeado Vogal do Conselho Superior do Exército³⁷ e Vogal da Comissão do Direito Público Marítimo³⁸.

O seu elevado profissionalismo levou-o mais uma vez a ser nomeado para um alto cargo internacional, desta vez a chefia da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha durante a Guerra Civil Espanhola, cargo que desempenhou desde março de 1937 a junho de 1938 com profundo e assinalável interesse, contribuindo significativamente para a difusão de doutrinas que muito interessavam ao Exército. O Governo Espanhol, face ao seu brilhante desempenho, decidiu agraciá-lo com a Cruz Roja del Mérito Militar e Medalha de la Campaña³⁹.

Foi exonerado do cargo a seu pedido, por motivos de saúde, reassumindo a Direcção da Arma de Engenharia em acumulação com Vogal do Conselho Superior de Promoções⁴⁰.

Passou à situação de reserva no dia 8 de dezembro de 1943 e à reforma, por ter atingido o limite de idade 5 anos depois, a 5 de dezembro de 1948.

Na situação de reforma desempenhou ainda a função de Administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, rentabilizando de forma exemplar as suas profundas capacidades de comando e liderança, de gestão e dos conhecimentos técnicos da ferrovia portuguesa adquiridos ao longo de uma carreira militar dedicada em grande parte ao comando de unidades de sapadores de caminhos de ferro.

O PENSADOR E ESTRATEGA⁴¹

O General Raul Esteves foi, juntamente com o Almirante Ferreira de Almeida e o General Morais Sarmiento, um dos mais ativos pensadores militares portugueses da primeira metade do século XX.

A obra publicada estende-se por um período aproximado de 50 anos, podendo-se considerar que teve o seu início através da publicação das obras “A Função do Exército”, em 1906, e “A fortificação na defesa do paiz”, em 1908, resultando esta última da brilhante apresentação que efectuou em conferência subordinada ao mesmo tema, tendo tal facto sido publicamente reconhecido através de louvor concedido pelo General CEME⁴² e a condecoração com a Medalha de Prata de Bons Serviços⁴³. Como última obra, regista-se a publicação em 1954 de um pequeno texto da conferência por si efetuada por ocasião das comemorações da aliança anglo-portuguesa.

³⁵ Ordem do Exército nº 18, 2ª série de 17 de outubro 1936

³⁶ Ordem do Exército nº 19, 2ª série de 25 de novembro 1936

³⁷ Ordem do Exército nº 14, 2ª série de 15 de setembro de 1937

³⁸ Ordem do Exército nº 12, 2ª série de 15 de agosto de 1938

³⁹ Ordem do Exército nº 12, 2ª série de 30 de setembro de 1939

⁴⁰ Ordem do Exército nº 5, 2ª série de 31 de março de 1939

⁴¹ Sobre esta vertente do General Raul Augusto Esteves recomenda-se a leitura do artigo publicado na revista Jornal do Exército, Ano L - N.º 586 - Julho de 2009, Duarte, António Paulo

⁴² Ordem do Exército nº 4, 2ª série de 3 de março de 1909

⁴³ Ordem do Exército nº 11, 2ª série de 22 de maio de 1909

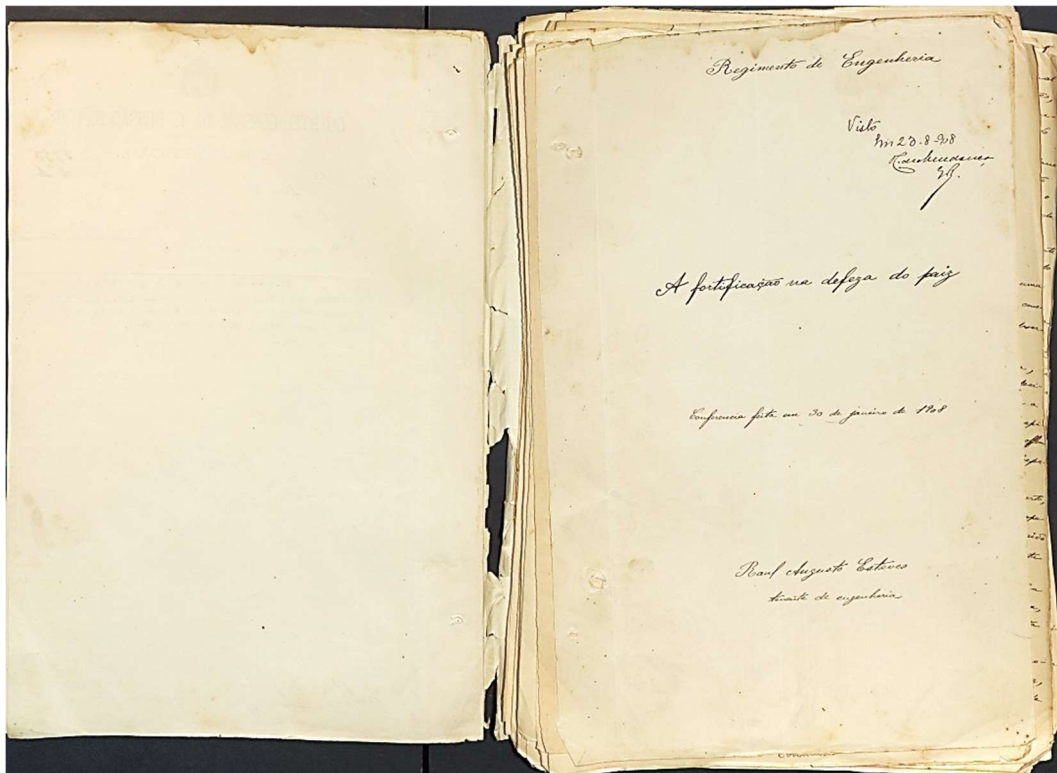


Figura 12: Publicação “A fortificação na defesa do paiz”, Lisboa, 1935

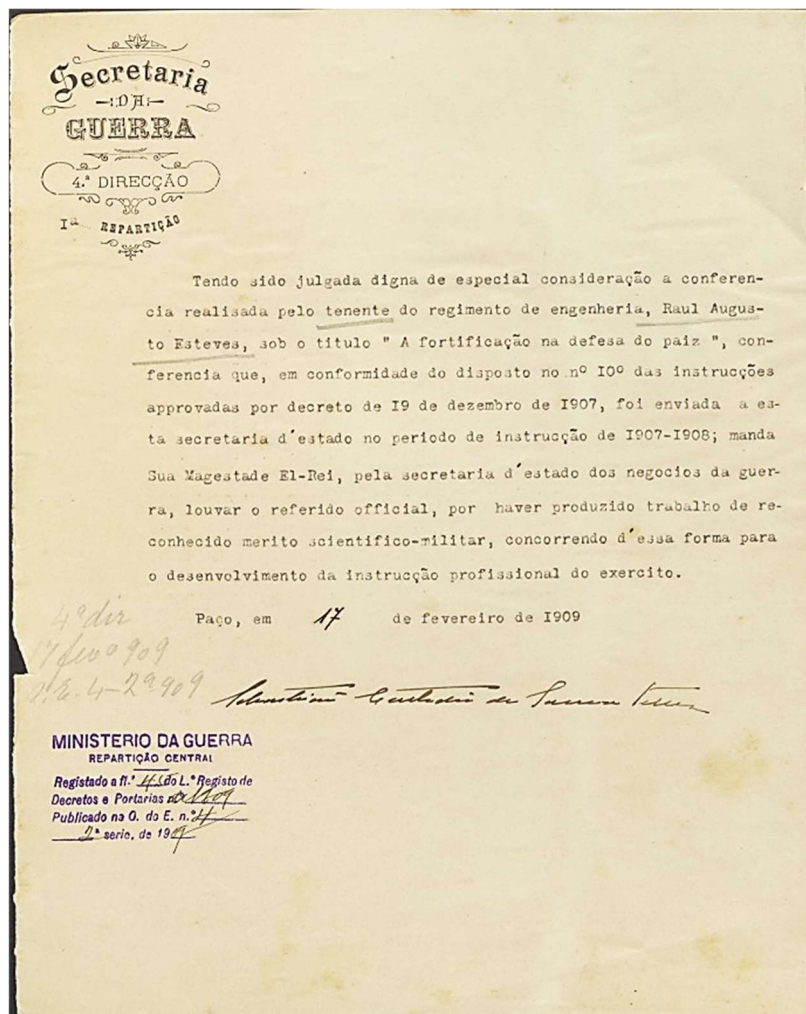


Figura 13: Louvor concedido reconhecendo a “especial consideração” da conferência “A fortificação na defesa do paiz”

É na década de 1930 que publica as suas duas obras maiores, designadamente, “O Problema da Defesa Nacional”⁴⁴, obra através da qual desenvolve o seu entendimento sobre as orientações a seguir na defesa nacional, e “Algumas Observações sobre a Guerra de Espanha”⁴⁵, onde aborda a experiência colhida como chefe da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha durante a Guerra Civil Espanhola e a transporta para uma análise à luz da defesa militar de Portugal.

Na primeira obra, o General Raul Esteves começa por enquadrar, de forma bem clara, a sua análise sobre os conflitos futuros, referindo que serão travados não apenas entre exércitos mas envolvendo as nações em confronto no seu todo, tendo estas que garantir a defesa da totalidade do seu território, incluindo colónias, de modo a garantir a disponibilidade de todos os recursos nacionais. Nesta análise destaca a importância da plataforma marítima na defesa de Portugal, constituindo-se como a sua principal base de operações, que, necessariamente, terá que ser combinada com a terrestre.

“Para que a nossa Defesa Nacional seja um facto, é absolutamente necessário que todos nós trabalhemos para conseguir que, no momento do perigo, se possam facilmente reunir, para aquele fim, TODOS OS RECURSOS DE QUE DISPOMOS, e se possam conjugar, harmónica e eficientemente, na defesa da Pátria, TODOS OS ESFORÇOS DOS VERDADEIROS PORTUGUESES.”⁴⁶

Numa análise mais política, refere não ser adepto de um Ministério da Defesa, pois perante uma guerra total todos os ministérios terão que ser de defesa, contrariando uma visão limitadora orientada por uma defesa exclusivamente militar e assente nas suas Forças Armadas.

No desenvolvimento da obra identifica e analisa os meios e os métodos que poderão ser empregues pela defesa nacional num possível futuro conflito, começando por caracterizar os oito elementos da defesa nacional, quatro de carácter estritamente militar, que no fundo são as Forças Armadas: as forças militares terrestres, as forças navais, as forças aéreas e as fortificações, e quatro de carácter não estritamente militar: as comunicações, os recursos materiais, a defesa civil e as alianças. Elementos que na sua maioria se mantêm válidos, assumindo alguns apenas designações diferentes, mantendo-se a sua essência válida e atualizada.

A questão da mobilização, intemporal e de permanente preocupação, também não passa despercebida à sua análise crítica, colocando-a na base do tipo de Exército que Portugal devia ter, se assente essencialmente em efetivos milicianos ou de carácter permanente. No seu ponto de vista deveria ser dada prioridade a efetivos permanentes, através dos quais seria garantida a cobertura física das fronteiras nacionais de modo a garantir as condições e o tempo necessário à realização da mobilização nacional, principalmente dos efetivos destinados à componente terrestre.

O General Raul Esteves deixa bem identificados os três pilares fundamentais sobre os quais deverá assentar a defesa nacional: capacidade de mobilização maciça do Exército, a fortificação das posições militares e o recurso aos sistemas de transportes, principalmente ferroviários, garantindo a mobilidade militar de modo a permitir a rápida concentração de efetivos e equipamentos na defesa avançada das fronteiras terrestres, complementada com a fortificação em profundidade onde as linhas defensivas fossem mais frágeis. É evidente que este modelo de defesa foi fortemente influenciado pela sua experiência na Grande Guerra, onde as linhas defensivas eram fundamentalmente estáticas, assentes num dispositivo linear e contínuo, sendo o transporte dos efetivos de reforço com vista à massificação da frente efetuado essencialmente através da rede ferroviária.

⁴⁴Esteves, Raul Augusto (1935), O Problema da Defesa Nacional, Lisboa, Papelaria Fernandes

⁴⁵Esteves, Raul Augusto Esteves (1939), Algumas Observações sobre a Guerra de Espanha, Lisboa, Revista Militar

⁴⁶ Esteves, Raul Augusto (1935), O Problema da Defesa Nacional, Lisboa, Papelaria Fernandes, p. 241.

Na obra que escreveu sobre a sua participação como Chefe da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha durante a Guerra Civil Espanhola, o General Raul Esteves orientou a sua análise sobre como os ensinamentos da guerra poderiam influenciar a política de defesa militar e a estratégia militar na Península Ibérica.

Ao longo do livro são frequentes as análises comparativas entre as vitórias conseguidas um século antes por Wellington sobre os franceses com a recente vitória nacionalista obtida por Franco, considerando que ambos souberam aproveitar da melhor forma as estratégias militares definidas, assentes no isolamento e derrota das forças opositoras no interior da península à custa da interdição dos eixos de retirada em direção ao sul de França, e também a geoestratégia peninsular. Sobre este aspeto, classifica o eixo de progressão assente no rio Tejo como o mais vantajoso para atingir de forma rápida e segura o interior da Península Ibérica, permitindo dividir a meseta ibérica em duas partes e tirar partido das características do porto de Lisboa como ponto de entrada operacional e logístico, sendo posteriormente complementado com os portos galaico-asturianos e andaluzes, com vista à redução da extensão dos eixos logísticos de reabastecimento.

No seu entender a Guerra Civil Espanhola confirmou três grandes ideias: as frentes de combate extensas, contínuas e lineares, o destaque assumido pela infantaria no campo de batalha e a importância do fator moral. A justificação para a afirmação da infantaria em detrimento das armas técnicas assenta no atraso socioeconómico das forças em confronto, análise igualmente válida para a realidade portuguesa.

Em complemento dos livros publicados em nome próprio, também viu inúmeros artigos seus publicados em vários jornais, na Revista Militar e na Gazeta dos Caminhos de Ferro, onde foi colaborador e posteriormente membro do Conselho Directivo. Em todos os artigos mantinha a sua postura analítica e construtiva de estratega e de engenheiro, decorrendo sobre assuntos de interesse nacional sem nunca se deixar tentar pela leveza das análises superficiais e da escrita que seria pouco mais do que decorativa.

Ao longo de toda a sua obra publicada, o General Raul Esteves, tal como muitos outros estrategas de referência nacionais e estrangeiros, assume sem reserva a sua influência pelas Guerras da Revolução, Napoleónicas e também da Guerra Peninsular, o que lhe permitiu, em simultâneo, efetuar uma análise comparativa com factos passados e a liberdade de pensamento face ao futuro a que um estratega não se poderá alhear, levando-o a valorizar a futura relação euro-americana e a tridimensionalidade dos teatros de operações.

Cadetes do Curso General Raul Augusto Esteves,

Apesar de a 3 de julho de 1955 a doença acabar por vencer aquele a que tudo tinha resistido, dia em que o General Raul Augusto Esteves faleceu aos 76 anos de idade em sua casa, na freguesia de Santa Isabel, em Lisboa, a história tem-se encarregado de preservar o legado de um dos mais brilhantes militares da primeira metade do século XX.

O General Raul Augusto Esteves, como militar, estratega e administrador, transmitiu a todos que com ele serviram a sua superior inteligência, honradez, integridade de carácter, lealdade e patriotismo, que o tornaram num exemplo a seguir, não só para a sua geração como, principalmente, para as vindouras.

Que os seus feitos e as suas obras vos possam servir de fonte de inspiração, na dignificação do legado dos nossos antepassados e na projeção dos seus valores, ajudando-vos a enfrentar os desafios futuros que vos esperam.

BIBLIOGRAFIA

- Abranches, Joaquim (1931), *Os Caminhos de Ferro na Grande Guerra*, Figueira da Foz, Tipografia Peninsular
- Alfaiate, António S. (1967), *Resenha histórica do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, Boletim da C.P. Número 455, Lisboa, Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, p. 16
- Conceição, Alfredo Pereira da (1953), em “Viriato – Capitão da Lusitânia”, em “50 Anos de Patronos da Escola do Exército e da Academia Militar - 1953-2003, (2004), Lisboa, Academia Militar
- Couvreur, Raul da Costa (1955), *General Raul Augusto Esteves*, Lisboa, *Gazeta dos Caminhos de Ferro* Número 1623, pp. 277-280
- Duarte, António Paulo (2009), *General Raul Esteves – Militar e Estrategista*, *Jornal do Exército* N.º 586 – Julho de 2009, Lisboa, Estado-Maior do Exército, pp. 14-23
- Esteves, Raul Augusto Esteves (1908), *A fortificação na Defeza do Paiz*, Lisboa, Regimento de Engenharia
- Esteves, Raul Augusto (1917), *Os Caminhos de Ferro e a Actual Guerra*, Lisboa, *Gazeta dos Caminhos de Ferro* Número 701, pp. 87-88
- Esteves, Raul Augusto (1935), *O Problema da Defeza Nacional*, Lisboa, Papelaria Fernandes
- Esteves, Raul Augusto Esteves (1939), *Algumas Observações sobre a Guerra de Espanha*, Lisboa, *Revista Militar*
- Esteves, Raul Augusto Esteves (1948), *Uma Colaboração Régia na Revista Militar*, Lisboa, *Revista Militar*
- Esteves, Raul Augusto Esteves (1950), *A Península Ibérica e a Defesa dos Pirinéus. Defesa Nacional. Estratégia Militar*, Lisboa, *Revista Militar*
- Redacção da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* (1955), *General Raul Esteves*, Lisboa, *Gazeta dos Caminhos de Ferro* Número 1622, pp. 221-224
- Redacção da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* (1955), *General Raul Esteves*, Lisboa, *Gazeta dos Caminhos de Ferro* Número 1624, p. 302

FONTES

- Arquivo Histórico Militar, Processo Individual de Raul Augusto Esteves da Escola do Exército
- Arquivo Histórico Militar; Processo Individual do General Raul Augusto Esteves
- Ordem do Exército, 2ª série, Lisboa, Estado-Maior do Exército
- Ordem Regimental, Lisboa, Regimento de Engenharia
- Os Generais do Exército Português* (2008), III Volume, I Tomo, Lisboa, Biblioteca do Exército, pp. 410-412

NOTA

O autor agradece ao Arquivo Histórico Militar e à Biblioteca da Academia Militar a disponibilidade na consulta das obras referenciadas.